



O Congresso foi cercado por 2.500 pessoas em defesa dos direitos do trabalhador na Constituição

Lideranças sindicais "abraçam" o Congresso

O Congresso Nacional foi cercado ontem por mais de 2.500 lideranças sindicais, de classe, religiosas e por parlamentares, que de mãos dadas "abraçaram" a sede do poder Legislativo. O ato simbolizou o protesto dos trabalhadores contra os parlamentares do Centrão, sua defesa pelos direitos que constam do anteprojeto de Constituição da Comissão de Sistematização e a luta por eleições diretas para Presidente da República este ano.

A manifestação foi tranquila, exceto no momento em que o presidente da OAB, Márcio Bastos, o presidente da CUT, Jair Meneguelli, o presidente da CGT, Joaquim Andrade e o bispo de São João e Duque de Caxias (RJ)



Mauro Moreli resolveram subir à rampa do Congresso para se unirem ao "abraço". Os seguranças do Congresso, acompanhados por alguns PMs, tentaram impedir a subida, dando início a um tumulto e a muitos empurrões. O episódio só foi contornado com nova ordem da segurança, liberando a rampa.

Os policiais destacados para a manifestação — 2.172 policiais, segundo o comando móvel da Secretaria de Segurança Pública do DF — mantiveram um patrulhamento discreto e distante da área onde se encontravam os manifestantes. Mas se mantiveram a postos nas vias de acesso entre os anexos dos ministérios, onde tinham policiais armados, com cassetetes e cães.

Enterro

O maior número de policiais em função ostensiva ficou na Rodoviária, onde estavam 221 soldados e na Esplanada dos Ministérios, onde grupos de

Cavalaria se espalharam. Desta vez não houve nenhuma prisão.

A novidade trazida pelos sindicalistas foi a ausência de discursos, o que não impediu que houvesse várias modalidades de protestos, utilizando faixas, cantores, bonecos, cartazes, e panfletos. O de maior impacto, entretanto, foi o enterro simbólico dos parlamentares do Centrão, quando ao som da Marcha Fúnebre de Chopin os sindicalistas pregaram cerca de 150 cruces no gramado do Congresso com o nome destes constituintes. A maior cruz foi reservada ao presidente José Sarney.

No final da manifestação foi lido em coro o "Manifesto à Nação", onde os sindicalistas afirmaram que, como porta-vozes da indignação da Nação, reivindicavam aos parlamentares os compromissos com "as causas progressistas" feitas à época das eleições.

Mineiros apóiam e cercam Assembléia

Belo Horizonte — Denunciando 23 constituintes mineiros, do PMDB, do PDS e do PFL, que estariam se posicionando contra os interesses dos trabalhadores nas votações dos artigos e capítulos da nova Carta Magna, cerca de 300 sindicalistas, populares e parlamentares do PT, PDT, PCB, além de representantes do PC do B, abraçaram ontem a Assembléia Legislativa, nesta capital. Coordenado pela Frente Sindical e Popular de Minas, o movimento fez parte do «Abraço Brasília», em defesa da garantia no emprego, direito de greve sem restrição e outras propostas em debate até o próximo dia seis, na Constituinte.

Além de denunciarem os constituintes mineiros que integram o Centrão, os manifestantes cobram também posições mais firmes de outros parlamentares que, segundo eles, estariam «em cima do muro» nas votações dos artigos de interesses dos trabalhadores. Entre os 22 citados pelos sindicalistas, em nota distribuída ao público, figuram os deputados Pimenta da Veiga, e Aécio Neves, entre outros.

Arrombadores levam papéis de deputado

Salvador — Ao chegar ontem cedo ao seu gabinete, no andar térreo da Assembléia Legislativa da Bahia, o deputado Eujácio Simões, PFL, encontrou-o com as gavetas de sua mesa arrombadas, papéis jogados pelo chão, arquivos e mesetas revirados. Os invasores do gabinete levaram Cz\$ 30 mil de uma gaveta, além de documentos que tinham sido encaminhados ao deputado por prefeitos que ele representa. Os documentos, segundo Simões, continham reivindicações das prefeituras e ofereciam, também, subsídios para denúncias que ele faria na Assembléia.

Progressistas prevêem mudança

Os constituintes progressistas presentes à manifestação do "Abraço ao Congresso Nacional" mostravam-se otimistas ao argumentar que um evento como esse pode reverter a situação e mudar votos de parlamentares indecisos na Constituinte. Eles acham que se o Centrão não se sensibilizar com esse tipo de pressão, "a população vai tentar por outros meios, ver aprovados pontos da Constituição que contemplem os direitos sociais e dos trabalhadores, afirmam.

O deputado Vicente Bogo (PMDB-RS) considerou a manifestação representativa da apreensão do povo quanto aos destinos que o Centrão quer dar à nova Constituição. A deputada Raquel Capiberibe (PMDB-AP) também tem a mesma opinião, acrescentando que o Centrão não

representa o povo, mas o poder econômico.

Insatisfação

Já o deputado Paulo Delgado (PT-MG) entende que o Congresso de forma alguma pode ficar de costas para a sociedade. Fez uma comparação do "Abraço ao Congresso" a um evento semelhante ocorrido na Lagoa Rodrigo de Freitas no Rio de Janeiro, como alerta ao seu estado de poluição e descaso das autoridades cariocas. "O Congresso também está poluído e podre e temos que realizar mais atos como esse para alertar os constituintes" — adverte Delgado.

Conseguir um voto mais à esquerda no plenário da Constituinte, é a esperança do deputado Vladimir Palmeira (PT-RJ) para quem protestos como o de ontem devem se repetir com mais freqüência.

Centrão considerou "burrice"

O principal alvo da manifestação pacífica do "Abraço ao Congresso Nacional", o Centrão, grupo majoritário na Constituinte, não se sentiu atingido pelo ato considerando uma "burrice arquitetada pelas esquerdas". Os líderes do grupo consideram que a Constituição está sendo elaborada mediante acordos feitos em plenário com os progressistas.

O deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) acha que a esquerda está sendo "burra" ao fazer manifestações dessa natureza, uma vez que à medida que o texto avança em plenário, o Centrão tem cedido em alguns pontos. Preocupado em saber quem pagou a manifestação de ontem e o dia de falta ao trabalho das milhares de pessoas que abraçaram o Congresso, o deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE) considerou o ato um atentado à soberania da Constituinte. Para ele, a minoria radical que não tem voto suficiente na Constituinte, tentou intimidar

os constituintes.

Futuro melhor

Ao ser indagado sobre o que achava da manifestação que ocorria lá fora, o deputado Luiz Eduardo (PFL-BA), filho do ministro das Comunicações e um dos líderes do Centrão, ironizou perguntando se ela estava mesmo ocorrendo. Diante da resposta afirmativa, disse que os participantes do ato eram pessoas atrasadas e retrógradas, «por não estarem enxergando a construção de um futuro melhor para o Brasil, se for aprovado o projeto do Centrão».

O deputado Afif Domingos (PL-SP) considerou a manifestação muito aquém das expectativas, pois "se o Centrão é o que dizem, deveria ter muito mais pessoas". Para o deputado, o povo brasileiro está amadurecendo e a maior prova disso é que a esquerda não mais se arrisca a fazer comícios pelas diretas temendo um possível fiasco e se conforma em realizar atos como o "Abraço no Congresso".